



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

KATYLLEN DE SOUSA ROCHA

**A MELANCOLIA NA PÓS MODERNIDADE: PROBLEMÁTICAS
DE UM NOVO SUJEITO**

PALMAS, TO

2023

KATYLLEN DE SOUSA ROCHA

**A MELANCOLIA NA PÓS MODERNIDADE: PROBLEMÁTICAS
DE UM NOVO SUJEITO**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Universitário de Palmas para obtenção do título de licenciado em filosofia.

Orientador (a): Dr. Leandro Beck Freiberg

PALMAS, TO

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

R672m Rocha, Katyllen Sousa.
Melancolia na pós modernidade: problemáticas de um novo sujeito. /
Katyllen Sousa Rocha. – Palmas, TO, 2023.
32 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Palmas - Curso de Filosofia, 2023.
Orientador: Leandro Beck Freiberg

1. Melancolia. 2. Mal-estar na civilização. 3. Novo sujeito. 4. Sintoma. I.
Título

CDD 100

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).


KATYLLEN DE SOUSA ROCHA

**A MELANCOLIA NA PÓS MODERNIDADE: PROBLEMÁTICAS
DE UM NOVO SUJEITO**


Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Palmas, Curso de licenciatura em filosofia foi avaliado para a obtenção do título de licenciado em filosofia e aprovada (o) em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 30/11/2023


Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente
 **LEANDRO BECK FREIBERG**
Data: 31/01/2024 13:13:45-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Leandro Beck Freiberg, UFT (ORIENTADOR)

Documento assinado digitalmente
 **LEON FARHI NETO**
Data: 31/01/2024 18:43:55-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Leon Farhi Neto, UFT

Documento assinado digitalmente
 **JUDIKAEL CASTELO BRANCO**
Data: 08/02/2024 07:16:49-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Judikael Castelo Branco, UFT

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer aos meus pais por me apoiarem durante todo o processo acadêmico acreditando no potencial da minha formação, mesmo que o processo tenha sido por vezes conflituoso para mim, fui sempre estimulada por eles a desenvolver um posicionamento crítico sobre tudo, agradecer também aos meus amigos que fizeram parte das reflexões a respeito dos assuntos aqui trabalhados, e ao meu orientador por acreditar na minha escrita.

RESUMO

Na abordagem da Melancolia como o mal-estar social da pós-modernidade, foi necessário primeiramente, contextualizar os diferentes entendimentos atribuídos à ela em cada período histórico. Sendo assim, iremos falar brevemente sobre como foi compreendida durante os períodos da Antiguidade e da Idade Média, pois, o intuito maior é atravessar tais concepções para enfim, trazer estudos que visam ir de alcance ao contexto atual que relaciona a melancolia aos problemas da identidade do sujeito, percorrendo alguns conceitos freudianos, indo de encontro à análises de outros autores. Tendo em vista, frustrações resultantes da exigência da utilidade e produtividade humana, que deve ser tão constante quanto o fluxo de informações e avanços que ocorrem na sociedade. A modernidade nos adiantou características da melancolia como sintoma, não apenas podendo ser representada por um estado de impotência ou inércia, tendo raízes no inconsciente, como também, teria base em um processo problemático de introjeção da realidade. Já a pós-modernidade, acrescentou características inconstantes sobre um novo sujeito melancólico, que vivencia o sofrimento de existência em meio ao acesso irrestrito às múltiplas realidades, propagadas pela ascensão da pluralidade cultural, que colocou em segundo plano a busca pela identidade e individualidade. Desta forma, iremos verificar alguns pontos cruciais para entender o que é a melancolia associada ao problema do ser humano em um processo de desenvolvimento contínuo em sociedade. E como um problema tão subjetivo como este, se tornou um mal-estar social.

Palavras-chaves: Melancolia. Mal-estar na civilização. Novo sujeito. Sintoma.

ABSTRACT

In approach to Melancholy as a social malaise of postmodernity, firstly it was necessary contextualize the different understandings attributed to this in each historical period. So we will talk soon about how it was understood during periods of antiquity and middle ages, because the greater intention is to pass such conceptions, to finally bring studies which aim reach the current context that relates melancholy to the problems of the subject's identity. reviewing some Freudian concepts, in line with the analyzes of other authors, in view of frustrations resulting from the demand for human utility and productivity wich must be the flow of information and advances that occurred in society. modernity gave us characteristics of melancholy as a symptom, not only being able to be represented by a state of helplessness or inertia, originating in the unconscious also as would be based on a problematic process of introjection of reality. However, postmodernity added shifting features about a new melancholic subject experiencing the suffering of existence amid unrestricted access to multiple realities, propagated by the rise of cultural plurality, placing the search for identity and individuality in the background. In this way, we will check some crucial points to understand what is the melancholy associated with the problem of human in a process of continuous development in society, and how a problem as subjective like this, has become a social malaise.

Key Words: Melancholy; Civilization malaise; New subject; Symptom

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	A CIVILIZAÇÃO É UM MAL ESTAR SOCIAL?	11
3	O PROBLEMA DA FELICIDADE/SATISFAÇÃO	17
4	O MAL ESTAR (<i>unbehagen</i>) DA PÓS MODERNIDADE	23
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32

1 INTRODUÇÃO

A *melancolia* no contexto da filosofia, foi explorada por diversos autores desde a Antiguidade na tentativa de entender sua causa geradora, vemos que até na atualidade quando adentramos o período intitulado pós-modernidade, não existe uma definição clara da melancolia com sentido à uma razão específica, e sim, a observação de como ela se manifesta no sujeito.

Esta, que permanece associada ao campo ontológico no que diz respeito à essência do ser, se fez correspondente a dor da existência, nos desencontros que temos com nós mesmos. E juntando a perspectiva da psicanálise, (fundamentada em reflexões de origem filosófica), compreendemos que a melancolia se relaciona tanto ao inconsciente pouco explorado pelo sujeito, quanto às negações de vontades e desejos para tentar se adequar ao meio social dentro do processo de formação de identidade. Em análise de diferentes tipos de sociedades, podemos atribuir à melancolia uma classificação sintomática das péssimas condições das relações humanas, em meio a falta de ajustamento do sujeito com o mundo. A dificuldade e sofrimento por trás de se sujeitar quase que por completo a um mundo de cobranças, repreensões e traumas, leva a angústias pouco questionadas pela “falta de tempo”.

Por fim, a melancolia pode ser compreendida como um dos sintomas mais comuns consequentes da inadequação do sujeito, em que tal estado levado ao nível patológico pode desencadear distúrbios psicológicos severos. Mas trataremos de explorar neste trabalho, principalmente a melancolia que existe através da dinâmica do sujeito na busca de sua autenticidade na pós-modernidade fluída, em que o desapego é necessário para diminuir a **frustração**¹ em não conseguir acompanhar as transições que ocorrem por conta da globalização e das informações exacerbadas sobre valores, verdades, crenças, ideais etc. E mesmo com todas essas modificações estruturais, continuamos dependendo dos outros para compreender a nossa própria existência.

1 “Para Sigmund Freud*, e isso aparece já no artigo de 1912 sobre os “Tipos de desencadeamento da neurose”, a frustração (Versagung) não implica, sistematicamente, a idéia de passividade. Freud reúne sob esse termo tanto a insatisfação devida à recusa de um agente externo a atender a uma exigência libidinal quanto a insatisfação ligada a fatores internos, como inibição e defesas do eu, que leva a formulações hesitantes, canhestras ou impossíveis da demanda. ROUDINESCO. p. 285.” No contexto pós-moderno, o sentimento de frustração associado à melancolia é tido como reação aos contínuos desenvolvimentos tecnológicos que permitem cada vez mais acesso às pluralidades informacionais, que torna confusa a convivência com perspectivas múltiplas levando ao afastamento da própria constituição do
Eu.)

A palavra "melancolia" teve origem na língua grega antiga, sendo composta pelos termos "melas" (que significa "negro" ou "escuro") e "chole" (que se refere à "bile"). O conceito por trás da junção desses dois termos, “supõe, desde a Antiguidade, um desequilíbrio humoral e que este, ativado por diversas fermentações e outros processos físico-químicos, atravessou o século XIX sob a forma da ideia fixa, assim como o século XIX sob a forma da figura dos vasos comunicantes que indica uma relação inversamente proporcional nas relações entre o corpo e o espírito quando um dos dois acaba por dominar o outro. (LAMBOTTE, 2000, p. 9)²”

Sendo assim, a Melancolia transcorreu no tempo como uma reação sintomática referente a um desequilíbrio humoral no corpo humano³. E então, por influência religiosa na Idade Média, foi associada a um mal do espírito dominando a forma física, como descrito acima por Lambotte. De todo modo, ela era vista como um mal interior sendo externalizado. Já para os romancistas dos séculos XVIII e XIX, a Melancolia demonstrava um caráter de sabedoria, profundidade, intelectualidade e complexidade. Mesmo que, para muitos fosse considerada a “doença do pensamento em excesso”, ela serviu de guia para grandes filósofos, pintores, escritores e outros artistas em geral, que, entristecidos ou angustiados pelas mazelas da vida, retratavam e exploravam através de observações tidas como “pessimistas”, mas esteticamente representativas sobre a realidade.

A melancolia carrega em si uma constituição própria de causa, ao mesmo tempo que está interligada à outros distúrbios da mente humana, e foi justamente através do desenvolvimento da psicanálise de Sigmund Freud, que a Melancolia se tornou assunto relativo à um problema social, influenciado pela relação com os outros, fazendo parte do processo de adaptação com o mundo.

Compreende-se problemas de adaptação e aceitação no convívio social como um mal bastante questionado na contemporaneidade, principalmente por se mostrar um empecilho para aqueles que querem alcançar a autonomia, independência, e por fim, se emancipar da ideia de ser apenas “um fruto do meio ou das relações”.

2 Lambotte, Marie-Claude. Estética da melancolia / Marie-Claude Lambotte; [tradução: Procopio Abreu]. -Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

3 O corpo humano era entendido na Antiguidade grega, pela composição de fluidos essenciais e reagentes químicos conhecidos como “humores” que seriam: Sangue, fleuma, bile amarela e a bile negra; Ver o artigo: SANTA CLARA, Carlos José da Silva. Melancolia: da antiguidade à modernidade - uma breve análise histórica. *Mental, Barbacena*, v. 7, n. 13, p. x, 2009. Acesso em 14 jun. 2023.

O conceito de pós-modernidade adentra as reflexões filosóficas do sujeito atual, após a quebra de paradigma propiciado pela modernidade, justamente nessa perspectiva da busca pelo autoconhecimento em meio ao desenvolvimento desenfreado de novas tecnologias e novas ciências, gerando as culturas multifacetadas, que comportam sociedades contraditórias vivenciando o atrito de coexistirem.

No livro de Dany-Robert Dufour, *A arte de reduzir cabeças*, o período atual conhecido como pós-moderno é descrito pelas palavras de J. - Lyotard da seguinte forma: “[...]Uma época caracterizada pelo esgotamento e pelo desaparecimento das grandes narrativas de legitimação, notadamente a narrativa religiosa e a narrativa política.” (DUFOUR, 2005, p. 25)

Dito isto, podemos considerar o abandono de ideais antigos, (como também, de verdades absolutas) uma característica fundamental da pós-modernidade, em que noções de estabilidade social foram reformuladas por conta do processo de ascensão da subjetividade do sujeito. Para além disso, Podemos considerar a definição de Zygmunt Bauman (1925-2017) em seu livro, “O mal-estar da pós-modernidade”:

No mundo pós-moderno de estilos e padrões de vida livremente concorrentes, há ainda um severo teste de pureza que se requer seja transposto por todo aquele que solicite ser ali admitido: tem de mostrar-se capaz de ser seduzido pela infinita possibilidade e constante renovação promovida pelo mercado consumidor, de se regozijar com a sorte de vestir e despir identidades... (BAUMAN, 1997, p. 23.)

A pureza⁴ trata das formas de validação do sujeito perante a sociedade, em que suas ações devem corresponder ao processo de adaptação e aceitação da realidade, principalmente se tratando dos aspectos impositivos que relacionam a serventia do indivíduo para o mercado consumidor à construção da própria identidade, tirando proveito da busca pela sensação de segurança⁵, que é um fator determinante para manter

4 O conceito de pureza, se refere a uma ordem prescrita em cada sociedade, se tratando de um sistema de valores e ideais latentes que devem servir de referencial para o sujeito, permitindo assim, que o indivíduo se sinta seguro à medida em que tenta se estabelecer na própria realidade de vida, assimilando o controle determinante e impositivo que existe em cada modelo social criado com o propósito de adaptação dos indivíduos. Ver o conceito de pureza no livro “O mal-estar da pós-modernidade.” BAUMAN, Zygmunt; 1997. [editora Zahar].

5 A segurança para o sujeito na pós-modernidade, remete a representação de apoio em Freud. A busca pela auto-conservação na vida adulta corresponde à medida em que a consciência se desenvolveu na tentativa de alcançar uma forma de segurança da realidade. Para Freud, esse processo se iniciava desde as primeiras formas de satisfação das necessidades instintivas do corpo, o que posteriormente se torna

o sujeito em conformidade mesmo que insatisfeito com a falta de controle exercida sobre alguns aspectos da própria vida.

De todo modo, já podemos adiantar que o sujeito pós-moderno, está vendo diante de si valores antigos sendo modificados e desacreditados em meio a tantos questionamentos, e na tentativa de abstrair a realidade em um ritmo frenético de renovação, o mesmo sente uma melancolia marcada pela incerteza. Essa melancolia, se passa dentro de uma mente amedrontada pela mudança constante, e por essa razão, o indivíduo se sujeita ao desapego para evitar o sofrimento.

No modelo de civilização atual pós-moderno, a melancolia é expressada por uma angústia interior onde cabe uma ideia de não pertencimento, ou por não conseguir distinguir o que é seu do que é do outro, levando a pessoa a não se encontrar nem mesmo dentro de si. Mas para diferenciar os tipos de melancolia nessa estrutura, podemos iniciar especificando a diferença da melancolia pós-moderna da clássica, pensando em toda a trajetória histórica e etiológica que concebeu a palavra. Nesse comparativo, vemos que sua justificativa de causa foi modificada tanto quanto qualquer outro aspecto interpretativo da vida humana.

Na pós modernidade, a melancolia tem um caráter emocional descritivo/complementar para explicar transtornos psíquicos com maior propriedade relacionados aos distúrbios mentais, mas também, sua definição se baseia nas condições que a tornaram um sintoma social comum entre os indivíduos. Iremos nos deparar com alguns pensadores, que compartilham do debate sobre a influência da sociedade no mal estar da mente humana. Discutiremos o problema da constituição de uma identidade própria enquanto o sujeito vivencia um processo de subjetivação compartilhada. E assim, pretendo com esse estudo, trazer à tona uma reflexão que esclareça questões tais quais: O que seria a melancolia pós-moderna? Este é um problema social ou individual? Quais as razões da melancolia ainda existir? E como a melancolia persistiu até ir de encontro ao sujeito do século XXI?

2 A CIVILIZAÇÃO É UM MAL ESTAR SOCIAL?

fundamental na escolha (até mesmo inconsciente) do objeto de prazer. Essa forma de auto-conservação pode ser observada pela busca incessante de apoio relacionado a estímulos que remetem ao desenvolvimento do aparelho psíquico na decisão de se apoiar a algo ou alguém que nos transmita a sensação de segurança. Ver a relação de apoio com a escolha do objeto de prazer, no livro: Dicionário de psicanálise/Elisabeth Roudinesco, Michel Plon; tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira Marco Antonio Coutinho Jorge. — Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p.31.

Sigmund Freud no final do séc. XIX e início do séc. XX, explorava o conceito do inconsciente na tentativa de justificar as ações moralmente questionáveis que não correspondiam à ideia de ser humano consciente em uma sociedade civilizada. E assim, através da psicanálise, os estudos desenvolvidos principalmente nos anos 20 e 30 sobre o aparelho psíquico⁶, se mostraram o meio mais próximo de atingir as capacidades de associação e dissociação que visam estabelecer um princípio de interpretação da realidade em que se vive, como também, se tornou uma das formas de acesso aos traumas e repressões relacionados a negação dos impulsos instintivos do sujeito.

Sabemos que o ser humano sofre de um antagonismo intrínseco entre o bem e o mal, provocado por contextualidade e senso moral pré-concebido dependendo da cultura a qual tenta se adequar. Por essa razão, não há como negar as aflições causadas pelo constante afastamento que se é preciso fazer da própria natureza instintiva, ou seja, dos impulsos do inconsciente.

Logo, muitos sofrimentos são acarretados dessa negação que faz parte da natureza humana, pois, uma sociedade civilizada, requer sujeitos de “bom temperamento”, que tenham um senso de justiça transparecendo a ideia de igualdade, para que possam desempenhar suas funcionalidades sem infligir sofrimento ao outro. E é essa a base dos direitos civis que nega uma maldade inerente ao homem. Sendo mais precisa nessa colocação, consideremos uma descrição da vida civilizada por Zygmunt Bauman em seu livro *O mal-estar da pós-modernidade*, que utiliza de base e referência o formato de civilização descrito em Freud:

Os seres humanos precisam ser obrigados a respeitar e apreciar a harmonia, a limpeza, e a ordem. Sua liberdade de agir sobre seus próprios impulsos deve ser preparada. A coerção é dolorosa: a defesa contra o sofrimento gera seus próprios sofrimentos.(BAUMAN, 1997, p.8)

O ser humano vive em negação de instintos que não correspondem às restrições da sociedade, transformando-os em causa de um sofrimento interno que até poderia ser um assunto mais debatido por tamanha recorrência na mente humana, porém, no século XXI ainda permanece um tabu. A negação dos limites da mente humana que pode levar

⁶ O aparelho psíquico/aparelho mental, foi descrito no livro *Eros e civilização* de Hebert Marcuse da seguinte forma: “o aparelho mental aparece-nos como uma união dinâmica de opostos: do inconsciente e das estruturas conscientes; dos processos primários e secundários; das forças herdadas, constitucionalmente determinadas, e das adquiridas; da realidade psicossomática e da externa.” (MARCUSE, 1975, p. 40-41)

à um estado catatonico, era tópico central nas pesquisas de Freud, conforme podemos observar em sua descrição a respeito da patologia:

A patologia nos apresenta um grande número de estados em que a delimitação do Eu ante o mundo externo se torna problemática, ou os limites são traçados incorretamente; casos em que partes do próprio corpo, e componentes da própria vida psíquica, percepções, pensamentos, afetos, nos surgem como alheios e não pertencentes ao Eu. (O mal-estar na civilização; FREUD, 2011, p. 7)

É através da interpretação do princípio de realidade, que passamos a compreender a capacidade do ser humano de distinguir o que é pertencente ao Eu⁷ daquilo que é Externo, ou seja, referente ao mundo. Essa distinção é necessária para compreendermos o sofrimento interno que acompanha o ser humano pela constante negação de vontades do subconsciente. Esse princípio conecta os prazeres e desprazeres percebidos e sentidos pelo sujeito, à própria percepção e análise de mundo.

O problema é quando o ser humano não consegue assimilar a fonte do sofrimento sentido, se é por interferência de fatores externos a ele, ou se parte de um problema interno associado à própria identidade. Pois:

O fato do Eu, na defesa contra determinadas excitações desprazerosas vindas do seu interior, utilizar os mesmos métodos de que se vale contra o desprazer vindo de fora, torna-se o ponto de partida de significativos distúrbios patológicos. (FREUD, 2011, p. 8)

Freud investiga três fontes principais para o desprazer humano que acarretam em sofrimento o levando ao estado que ficou conhecido como a melancolia. O sofrimento pode partir da relação consigo mesmo, pela incapacidade de aguentar as mazelas que afligem o corpo e a mente que está condenada ao fim; Pode ter causa na relação com o mundo, pela influência sobre nós e como nos associamos à ele, e finalmente, pela nossa relação com os outros.

Não é de se estranhar que entre a busca pelo prazer e a tentativa de se afastar do desprazer, surgem rotas de fuga temporárias para que as cobranças constantes da vida social não sufoquem tanto o indivíduo, que passa a maior parte de seu tempo investido

7 Retomado por Sigmund Freud, esse termo designou, num primeiro momento, a sede da consciência. O eu foi então delimitado num sistema chamado primeira tópica, que abrangia o consciente, o pré-consciente e o inconsciente. A partir de 1920, o termo mudou de estatuto, sendo conceituado por Freud como uma instância psíquica, no contexto de uma segunda tópica que abrangia outras duas instâncias: o supereu* e o isso. (ROUDINESCO, 1998, p.210)

em soluções para problemas de convivência externos às suas problemáticas pessoais, às quais passam a ser ignoradas ou colocadas em segundo plano, para que o cotidiano não entre em colapso.

A consequência disso é a sobrecarga mental e sua origem pode estar ligada a tantos fatores que é praticamente impossível dizer como se deu início. É onde os entorpecentes⁸ encontram propósito no afastamento do desprazer, tornando a realidade mais digerível, mesmo que por tempo limitado. Dentro dessa composição estrutural, visualizamos a sociedade como um todo nas manifestações individuais de cada dependente sobrevivendo ao modelo civilizatório compartilhado, mesmo que culturalmente diverso em toda sua extensão identitária.

Nem todo desenvolvimento tecnológico e reestruturação econômica fez com que as mudanças e novos objetivos de vida impedissem o ser humano de sentir um vazio existencial. Quando não nos encontramos dentro dessa base estrutural ao qual fomos iniciados, ou ela não se demonstra o suficiente para abarcar quem somos, pela vontade de ser mais do que um projeto do meio, podemos apresentar um estado melancólico como resultado, manifestado pela sensação de perda de foco e objetivo para si com apatia por uma rotina baseada em repetição de funções relacionadas à nossa utilidade. No texto *Luto e melancolia* (FREUD, 1917), o autor faz a seguinte descrição da melancolia:

A melancolia se caracteriza, em termos psíquicos, por um abatimento doloroso, uma cessação do interesse pelo mundo exterior, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e diminuição da autoestima, que se expressa em recriminações e ofensas à própria pessoa e pode chegar a uma delirante expectativa de punição. (p. 128).

Não obstante, o luto relacionado à perda de um objeto de afeto, um ente querido, ou até mesmo uma relação que se encerrou, causa reações semelhantes. Apesar disto, os dois conceitos por mais parecidos que sejam, se diferem pela melancolia poder se tornar um estado patológico do ser, enquanto o luto se relaciona à uma situação de perda específica. Mas a relação do sujeito com a perda, é algo crucial para atingir a

8 O serviço de narcóticos na luta pela felicidade e no afastamento da miséria é tão valorizado como benefício, que tanto indivíduos como povos lhes reservaram um sólido lugar em sua economia libidinal... Sabe-se que com a ajuda do “afasta-tristeza” podemos nos subtrair à pressão da realidade a qualquer momento e encontrar refúgio num mundo próprio que tenha melhores condições de sensibilidade. (FREUD, 2011, p. 19)

compreensão do medo e pavor da incerteza correspondente às sociedades contemporâneas.

As frustrações que podem desencadear a angústia melancólica, englobam aspectos que vão além de precedentes hereditários, podendo surgir das interações sociais mal resolvidas, tanto como traumas relacionados à repressão desde a infância. A melancolia se manifesta como um estado inibitório que causa falta de interesse, vontade, e por consequência, o afastamento do prazer.

Então, Tratem-se de explorar os problemas da expressão e repressão humana para maior aprofundamento de causa, tendo em vista que esses problemas incorporam uma profundidade maior de interpretação do Eu através do Id⁹ para nos aproximarmos da compreensão do Id sobre o todo.

A interpretação que a pessoa cria sobre a realidade em que vive e à medida que se sente cada vez mais próximo ou mais afastado da mesma, produz mecanismos de auto apreciação. Paralelo a isso, tanto uma ocasião isolada ou repetidas ocasiões que não sejam concebíveis para a mente desse sujeito que está em constante transformação, pode desencadear em auto repressão, baixa autoestima, insegurança e afetar a percepção que a pessoa tem sobre ela mesma.

Freud, caracterizou a melancolia como doença/sintoma, e descrevia detalhadamente o sujeito com a psique desordenada e como ele interpretava seu próprio Eu dentro dessa condição:

O doente nos descreve seu Eu como indigno, incapaz e desprezível; recrimina e insulta a si mesmo, espera rejeição e castigo. Degrada-se diante dos outros; tem pena de seus familiares, por serem ligados a alguém tão indigno. Não julga que lhe sucedeu uma mudança, e estende sua autocrítica ao passado. (FREUD, 1917, p.130)

Parte do problema da identidade está em negar a superação de seu passado e não conseguir se identificar com o presente, isso interfere na forma de enxergar o próprio futuro. As noções de tempo são deturpadas em um estado melancólico, assim como a visão de si próprio pela repetição auto depreciativa que ocorre na mente, que limita o sujeito a um instante de auto sabotagem, e mesmo que esse instante seja doloroso, a

9 (nota de rodapé ID: A descrição conceitual da camada do ID por Hebert Marcuse no livro *Eros e civilização: Uma Interpretação Filosófica do Pensamento de Freud afirma que: "A camada fundamental, mais antiga e maior, é o id, o domínio do inconsciente, dos instintos primários. O id está isento das formas e princípios que constituem o indivíduo consciente e social. Não é afetado pelo tempo nem perturbado por contradições; ignora valores, bem e mal, moralidade. (1975, p. 46)"*

sensação de permanência emitida por ele transfere um amparo característico da vontade do ser humano de alcançar a estabilidade em algum lugar.

Esse é o problema explorado durante a modernidade sobre a subjetividade do sujeito, sendo preciso aceitar a superação de ideais antigos. No século passado, o ideal cristão sobre verdades absolutas já estava em decadência, apesar disto, a ideologia nunca deixou de ser uma forma de tentar se apegar à uma realidade concreta mesmo que limitada em si mesma.

Por essa razão, a fuga dos padrões comportamentais estimulados pela sociedade, ainda é para muitos, relacionada a um desvio de caráter, sendo que no inconsciente¹⁰, há mistérios (estrutura freudiana do aparelho psíquico) sobre nossa identidade/individualidade que nos fazem jus.

O ser humano tende a se enxergar através do reflexo que o mundo transmite para ele sobre si (introjeção, em psicanálise e “representação” em sentido filosófico) para só assim, alcançar a auto apreciação, e é através desse contato que o sujeito passa a constituir a própria imagem em sua realidade. Mesmo sabendo que não é possível se desvencilhar do laço que une o ser humano à sua realidade, compreende-se que a influência externa não é o suficiente para conceber um indivíduo por completo.

As vontades e desejos¹¹ que permanecem insaciáveis por incoerências sociais, e o caminho que diversas civilizações optaram para combater essas incoerências foi moldando normas culturalmente aceitas para nos aproximar de uma ideia de bem estar comum, criando planos de vida para todos e distribuindo papéis sociais dentro de comunidades.

Trazendo essa repressão de desejos para um contexto atual, percebemos que o convívio social estabelece “medidas” específicas de relacionamentos e interações com o

10 O inconsciente como objeto de estudo freudiano representa o “Isso”, correspondente aos impulsos primitivos do sujeito. Durante a captação e interpretação da realidade administração dos próprios desejos, o sujeito transmite a instância do “Isso”, para o “Eu” que pondera a possibilidade de agir de acordo com esse impulso, e então, age na instância do “SuperEu” condicionando o próprio desejo aos limites da civilização, reprimindo a parte dos impulsos que não são permitidos no convívio com os outros. Ver o problema da repressão do Inconsciente no Super ego no livro: O mal estar na civilização (Grandes Ideias); FREUD. Sigmund [Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Penguin e Companhia das Letras, 2011.

11 Em Freud, o desejo se manifesta na consciência de algo, esse algo pode ser reconhecido no outro, e ser exprimido em forma de negação, tanto pelo sofrimento admitido da repressão de desejos do inconsciente, quanto pela necessidade de se diferenciar do outro, negando-o dentro de si para tentar se afirmar, mas só é possível reconhecer uma forma de consciência de fato, definindo-a através dos parâmetros de consciência externos. (ROUDINESCO, p.146-148)

mundo, tentando adestrar emoções para que nossas reações não fujam ao esperado. Fazendo com que, mesmo havendo algumas fugas ou desvios dos valores éticos e morais que sustentam a civilização, o ser humano não consiga sustentar o sentimento de felicidade, pois, tal sentimento requer mais do que satisfação com o que vivenciamos, requer permanência (constância) em um estado mental.

Já que todas as situações que acarretam em prazer ou desprazer são fluídas no tempo, devemos lembrar que “Aquilo a que chamamos de “felicidade” no sentido mais estrito, vem da satisfação repentina de necessidades altamente represadas, e por sua natureza é possível apenas como fenômeno episódico.” (FREUD, 2011, p.17)

3 O PROBLEMA DA FELICIDADE/SATISFAÇÃO

Na medida em que a plena satisfação de necessidades é felicidade, a liberdade na civilização é essencialmente antagônica da felicidade, pois envolve a modificação repressiva (sublimação) da felicidade. (MARCUSE, Eros e civilização, 1975, p. 45)

A felicidade compreendida como um sentimento que move uma ação, está sujeita intrinsecamente às possibilidades de agir de cada um, ou seja, à sua liberdade. Sendo difícil abstrair a liberdade de seu critério fundamental para existir. Dentre as considerações sobre suas características conceituais, a felicidade está comumente associada à uma busca subjetiva, de caráter abstrato, correspondente à uma ou mais satisfações que levam ao prazer.

Porém, o conceito de felicidade atribuída a satisfação plena das necessidades supõe um ser humano que consegue se “dar por satisfeito”, o que se trata de uma utopia que sugere uma realidade sem emoções, vontades e desejos reprimidos. E a projeção da felicidade como um estado emocional estagnante de negação, ao qual seria possível se autofixar de forma consciente, acaba por tornar mais evidente o quão distante o ser humano se coloca da felicidade, buscando-a como um estado fixo, na tentativa de ignorar as transições desenfreadas em diversos estados emocionais que lhe fogem ao controle, incluindo a melancolia, quando fonte de sofrimento que se torna clara razão de desprazer.

O convívio social, a rotina diária, as ações repetitivas, e a propagação de uma adequação que não deve ser contestada, só alimenta uma falsa noção de estabilidade, o

que é o declínio da razão e senso do ser humano. O mundo tenta manter uma consistência em fundamentos sem garantias, negando a fluidez da mente, dos pensamentos e emoções. Quando não conseguimos relacionar nossas particularidades à realidade conjunta, nos sentimos fora do mundo, distantes da realidade diária, e infelizes por uma falta de sincronicidade.

Freud, esclarece através de suas obras, alguns dos conflitos da dinâmica entre o ID e o Mundo, considerando que o Id trata do lado inconsciente da mente e que tendo como propósito central ir de encontro a uma fonte de prazer, essa parte não existe em conformidade com o mundo. O Id levado a instância do Eu, é compreendido através da assimilação do prazer com a realidade, dentro dos limites da coerência entre o que se tem vontade do que se pode ser e fazer, justificando as barreiras e impedimentos segundo as delimitações civilizatórias, e a relação do Eu com o Mundo nos direciona até a última instância conhecida como SuperEu ou SuperEgo, a parte da consciência na tomada de ação que está atrelada ao remorso, culpabilidade, insatisfação e frustração.

Em razão da conturbada relação entre essas três instâncias, ao decorrer da vida se torna cada vez mais complexo¹² vislumbrar uma espécie de autoconhecimento em aspectos autênticos de individualidade, pois à medida em que o processo de integração de um indivíduo a um meio social começa, ele se torna mais influente em suas escolhas, vontades e verdades antes alheias a ele.

Proveniente do desgaste mental, em que por vezes se faz preciso relembrar quem acreditamos ser, surgem os questionamentos sobre a real liberdade do sujeito que vive sob tanta influência externa. Como podemos declamar nossa identidade através de nossas vontades, quando nossas vontades se justificam pela convivência em sociedade?

No livro *O mal-estar da civilização*, vemos a seguinte colocação:

Descobriu-se que o homem se torna neurótico porque não pode suportar a medida de privação que a sociedade lhe impõe, em prol de seus ideais culturais, e concluiu-se então que, se estas exigências fossem abolidas ou bem atenuadas, isto significaria um retorno a possibilidades de felicidade. (FREUD, 2011, p. 28)

12 Complexo é um “Termo criado pelo psiquiatra alemão Theodor Ziehen (1862-1950) e utilizado essencialmente por Carl Gustav Jung, para designar fragmentos soltos de personalidade ou grupos de conteúdo psíquico separados do consciente e que têm um funcionamento autônomo no inconsciente”, de onde podem exercer influência sobre o consciente. (ROUDINESCO, 1998, p.123)

É possível estabelecer uma conexão entre felicidade e liberdade, mas não necessariamente a liberdade será a garantia da felicidade. Nos estudos Freudianos, observamos a possibilidade de sentir felicidade vivendo livre das amarras sociais, que fazem parte do tratado comum do que nos torna seres civilizados, ao mesmo tempo que o total despreendimento das imposições sociais levariam a falta de senso moral, interferindo na liberdade alheia, o que provocaria desprazer no outro.

Portanto, seria uma liberdade que restringiria a liberdade de outro, e essa forma de viver é contrária às democracias incorporadas na maioria das sociedades atuais. Por isso, a felicidade relacionada a um ideal de liberdade total se torna tão limitada quanto qualquer outra felicidade sentida dentro dos limites das leis civilizatórias. Mas será que é realmente possível ser feliz mesmo vivendo à base de restrições a todo momento? Devemos, primeiramente, compreender que as escolhas que constituem a cultura do sujeito em seus primeiros estágios de desenvolvimento tanto intelectual, racional quanto emocional, são primordiais para termos acesso à concepção de liberdade individual.

Grande parte das decisões culturais que moldam um padrão de vida se iniciam no período em que a pessoa ainda não é capaz de decidir por si. Por exemplo, com relação ao local onde nasceu, qual será a primeira língua que irá aprender, influências de alguma religião predominante, e noções primeiras de certo e errado aprendidas no ambiente familiar ao qual foi inserido. Todas essas condições culturais fazem parte das limitações que condicionam a liberdade para cada pessoa. Apesar dessas condições, Freud afirma que:

A liberdade individual não é um bem cultural. Ela era maior antes de qualquer civilização, mas geralmente era sem valor, porque o indivíduo mal tinha condição de defendê-la. Graças à evolução cultural ela experimenta restrições, e a justiça pede que ninguém escape a elas. (FREUD, 2011, p. 36)

Ou seja, podemos captar a liberdade individual existente antes da formação do sujeito na cultura, mas essa, passa a ser identificada, moldada, e manifestada na consciência até tomar parte no exterior em forma de ação. Essa ação consciente não pode ser tida como liberdade individual por sofrer tantas alterações e impedimentos na mente, que a coloca nas formas de expressão dentro das possibilidades e impossibilidades das leis civis.

Nesse momento que adentramos a parte auto condenatória da passividade do sujeito por aceitar a civilização, tenhamos em mente que, não é possível saber quem foi o autor dessa sentença, mas sabemos que funciona como um tratado social e que cada indivíduo deve assumir a autoria sobre as próprias escolhas, mesmo que dentre as consequências exista o sentimento de culpa que nada tem de satisfatório ou feliz, mas é aceitável para dar continuidade às relações humanas, assumindo tal sentimento como reflexo da moralidade por nós admitida. Para entendermos o peso de tal responsabilidade falaremos mais a frente sobre o problema da funcionalidade do sujeito.

Voltando ao texto *Luto e Melancolia* observamos que, o luto é descrito como um estado de tristeza pelo sentimento de falta, a infelicidade ocasionada por separação pela perda, levando a consciência¹³ do dever de dar continuidade a vida, mesmo diante da ausência de alguém de enorme importância. O estado melancólico compartilha desse abismo da falta no sentido psicanalítico, mas, por outro lado, acrescenta a variante de se tratar tanto da perda de alguém, quanto de um objeto, de uma projeção feita sobre o futuro, ou até mesmo pelo abandono de um pensamento que perdeu seu significado. “A associação de luto com melancolia mostra-se justificada pelo quadro geral desses dois estados. Neles também coincidem as causas oriundas da interferência da vida, ao menos onde é possível enxergá-las”. (FREUD, 1917, p.128)

O princípio de realidade abstraída pelo sujeito que desencadeia à melancolia, é subjetivamente colocado como algo atrelado ao contato que a pessoa tem com a própria existência sobre sua sensação de bem-estar, de alegria, de apego, interesse e vontades. Outro ponto crucial de distinção entre o luto e a melancolia, trata da natureza do luto com relação à uma pessoa (objeto de perda), que ocorre em realidade física e palpável, o que naturaliza esse processo é a convivência com a realidade, no sentido de fazer parte de uma das etapas da vida que pode ser explicada com maior facilidade, e que sabemos o que foi perdido e como se pode admitir essa fase.

A melancolia, partindo do campo da subjetividade do inconsciente, ao mesmo tempo que pode se tratar da idealização de algo acessível no campo físico, gera uma dificuldade quando levada à patologia, por se tratar de um problema de abstração da realidade com variedade de causas. Não se trata de um mal-estar consequente da

13 “Termo empregado em psicologia e filosofia para designar, por um lado, o pensamento em si e a intuição que a mente tem de seus atos e seus estados, e, por outro, o conhecimento que o sujeito tem de seu estado e de sua relação com o mundo e consigo mesmo” (ROUDINESCO, 1998, p.130)

modernidade, nem uma realidade constituída na pós-modernidade, e afinal, nem pode ser compreendida apenas como de todo um mal.

Os traumas¹⁴ e **repressões**¹⁵ fazem parte da constituição de percepções únicas que possibilitam através de mecanismos de representação, externalizar em movimentos artísticos as alternâncias de perspectiva que vivenciamos. A relação introspectiva que faz o sujeito olhar para dentro de si e questionar a própria identidade é uma necessidade sobre a validação de si mesmo, que ainda que seja evidenciado pela psicanálise, esse processo não pode ser acessado de forma totalmente consciente. O inconsciente tem parte e poder maior em qualquer ato simbólico que tente externalizar um mal sofrido pela mente.

A culpabilidade entra como um dos tópicos de sofrimento atrelada à melancolia, que impede o alcance da felicidade/satisfação, é também, o que leva a um rebaixamento da autoestima, submetendo a pessoa à invalidez auto incapacitante. Determinando um ciclo de insatisfação que desprende o sujeito da realidade, pois, deturpa a própria imagem e gera indiferença com antigas pretensões que perderam sentido em meio a esse estado:

Quando em exacerbada autocrítica, ele pinta a si mesmo como uma pessoa mesquinha, egoísta, insincera, sem autonomia, que sempre buscou apenas ocultar as fraquezas do seu ser, pode ocorrer, pelo que sabemos, que tenha se aproximado bastante do autoconhecimento, e perguntamo-nos apenas porque é necessário adoecer para alcançar uma verdade como essa. (FREUD, 1917, p.131)

É analisado por Freud, mesmo que de forma especulativa, alguns aspectos quanto ao amor ambivalente ligado ao objeto de perda, e podemos entender uma simbologia por trás do objeto como forma de representação da perda de uma expectativa, uma

14 O trauma na psicanálise Freudiana, trata de um ou mais episódios que fizeram parte das experiências iniciais da infância que marcaram negativamente o indivíduo que, para evitar o sofrimento relacionado à elas precisou afastá-las da consciência. Freud considerou a histeria manifestação traumática relacionada aos conflitos sexuais associados a abusos sofridos, fantasias reais ou irreais, como também ao desenvolvimento da identidade sexual, porém, o trauma levado à repressão trata de manifestações de conflitos internos que vão além do acesso consciente apesar de tomar frente em ações e reações cotidianas, no que compreende-se dentro do âmbito patológico. Ver o conceito de Histeria associado ao trauma: em ROUDINESCO, Elisabeth & PLON, Michel. **Dicionário da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998 p. 337-342).

15 A repressão ocorre como mecanismo de defesa para o sujeito lidar com o trauma, os sentimentos e memórias que a consciência não consegue suportar são direcionados para o inconsciente, e retornam nas ações do indivíduo como sintoma. “Em psicanálise, a repressão é uma operação psíquica que tende a suprimir conscientemente uma ideia ou um afeto cujo conteúdo é desagradável.” (ROUDINESCO, 1998, p. 658-659)

verdade, um relacionamento, uma ideologia, e assim por diante. A forma de projetar-se no ambiente externo e nos outros é explícita e justifica uma frustração contra si.

[...] ouvindo com paciência as várias acusações de um melancólico, não conseguimos, afinal, evitar a impressão de que frequentemente as mais fortes entre elas não se adequam a sua própria pessoa e sim, com pequenas modificações, a uma outra, que o doente ama, amou ou deveria amar. (FREUD, 1917, p.132)

Uma tristeza profunda pode surgir da relação de afeto com o outro sendo marcada por um sentimento de frustração e decepção, isto quando não chega-se ao ponto do sentimento de ódio. E quando não há a possibilidade de punir o outro pela própria insatisfação, essa insatisfação tende a voltar contra si. Essa relação de amor e ódio, é o que marca a relação de um indivíduo com seu objeto, e a perda libidinal é o que leva à indiferença melancólica.

Essa relação pode ser compreendida no **retorno do reprimido**¹⁶, se tratando de uma batalha interior entre o inconsciente tentando se expressar no lado consciente, nem que seja minimamente, em sutilezas que vão contra as próprias afirmações sobre si, em que as ações não correspondem ao que é dito. Afinal, a negação de si mesmo faz parte do processo civilizatório no sentido de reajustar o indivíduo, mas as consequências se transformam em incoerências na psique humana levando a transtornos como a melancolia e outros distúrbios dissociativos.

Toda a raiva e tristeza relacionada à tais impedimentos se configuram na estruturação mental para que em algum momento sejam projetados na realidade, que seja na tentativa de oprimir o outro por se sentir oprimido na maior parte do tempo, ou por culpa de se responsabilizar até por aquilo que está fora de seu controle.

A culpa é assumida pela responsabilidade de escolha que se deu através da identificação com o objeto. Mas esse corte emocional é tão potente que precisa

16 O retorno do reprimido é explicado através das privações relativas ao desenvolvimento comportamental do ser humano na civilização, para se integrar à sociedade o sujeito precisa abdicar de vontades e desejos que fogem às regras de convívio social estabelecidas culturalmente, esses desejos que lhe são negados por serem instintuais e participarem da primeira instância que corresponde ao inconsciente se relacionam ao princípio de prazer, mas levados a instância da consciência, se torna evidente que a busca irrestrita pela satisfação do prazer pode levar a ruína do ser considerando a existência da pulsão de morte, esta que trata da tendência do ser humano em se auto-sabotar. O retorno do reprimido assim, é a forma do inconsciente trazer à tona as consequências traumáticas da repressão na psique humana, em que parte das ações e reações manifestadas em distúrbios ou transtornos relativos à convivência social, são causadas por essas privações. No livro *Eros e civilização: Uma Interpretação Filosófica do Pensamento de Freud* por Hebert Marcuse (1975), ele nos esclarece com mais detalhes a dinâmica por trás do retorno do reprimido, princípio de prazer coexistindo com a pulsão de morte, as instâncias do id, ego e superego, entre outros processos psíquicos da psicanálise freudiana.

urgentemente de uma nova fonte de prazer. Como vemos no texto *Luto e Melancolia* (1917):

Se o amor ao objeto mesmo -- a que não se pode renunciar, quando se tem de renunciar ao objeto mesmo -- refugia-se na identificação narcísica, o ódio atua em relação, a esse objeto substitutivo, insultando-o, rebaixando-o, fazendo-o sofrer e obtendo uma satisfação sádica desse sofrimento. (FREUD, 1917, p.135-136)

A sensação da perda da libido, em uma mistura à vontade de retorno a essa força libidinal, é exatamente a ambiguidade que direciona o melancólico a um sentimento de amor e ódio com relação ao objeto. “Portanto, na melancolia travam-se inúmeras batalhas em torno do objeto, nas quais ódio e amor lutam entre si, um para desligar a libido do objeto, o outro, para manter essa posição da libido contra o ataque.” (FREUD, 1917, p.140)

4 O MAL ESTAR (*unbehagen*) DA PÓS MODERNIDADE

Os mal-estares da modernidade provinham de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade pequena demais na busca da felicidade individual. Os mal-estares da pós-modernidade provêm de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual pequena demais. (BAUMAN, 1997, p. 10)

Dentre as considerações sobre a civilização pós-moderna, Zygmunt Bauman em seu livro *O mal-estar da pós-modernidade*, trata do conceito da pureza como sinônimo de ordem, quando afirma que: “A pureza é uma visão das coisas colocadas em lugares diferentes dos que elas ocupariam, se não fossem levadas a se mudar para outro, impulsionadas, arrastadas ou incitadas; e é uma visão da ordem -- isto é, de uma situação em que cada coisa se acha em seu justo lugar e em nenhum outro.” (BAUMAN, 1997, p. 14)

Sendo assim, pode-se compreender que a pureza é a ideia de colocar algo em seu devido lugar. A questão da ordem no mundo é crucial para compreendermos de onde surge o sentido de funcionalidade do ser humano, na questão da utilidade para o meio em que habita e utilidade na relação com o outro, e já que a pureza representa parte das delimitações que se estabeleceram socialmente, para determinar formas de interpretação da realidade do ser humano de acordo com um modelo organizacional, toda vida gerada

na civilização tem condições específicas que serão parte da composição cultural a ser (ou não) aderida.

É fundamental para o bom convívio em sociedade, o indivíduo se sujeitar à um modelo organizacional que determine funções e coloque cada um no seu “devido lugar”, essa é uma das características estruturais que diferentes modelos de sociedades têm em comum, e que permanece desde a modernidade como foi concebida por Freud, até a realidade pós-moderna atual.

Complementando a análise desse sentido de ordem organizacional, podemos citar o livro *O mínimo eu* escrito pelo autor Christopher Lasch (1990), que mostra como as políticas de massa se tornaram determinantes na criação de uma imagem autodepreciativa do sujeito, revelando a transformação do conceito de identidade em uma variável da condição humana que tenta justificar os papéis do indivíduo como produto do meio e consumidor, fazendo com que o julgamento particular e pensamento crítico pessoal, seja diminuído em comparativo ao julgamento popular. Pois:

Os arranjos sociais que sustentam um sistema de produção em massa e consumo de massa tendem a desencorajar a iniciativa e a autoconfiança e a incentivar a dependência, a passividade e o estado de espírito do espectador, tanto no trabalho quanto no lazer. (LASCH, 1990, p.19)

A produção de massa foi determinante para as reformas culturais que na pós-modernidade, descredibiliza a opinião de um sujeito perante o senso comum, assim como o senso comum, atribui valores através das investidas de marketing que moldam padrões de vidas e opiniões, ocasionando em uma necessidade insuprível de se satisfazer pelos bens materiais que constantemente passam por inovações, se tornando “essenciais” pela quantidade de pessoas que desejam obtê-los e consumi-los e não com base em uma necessidade pela utilidade do objeto em si.

A lastimável perspectiva do consumismo exacerbado no sistema atual, compreende a relação do sujeito com o objeto, visualizando-o também como um objeto que deva ser inovado e reinventado para consumo no sentido trabalhista. A exploração da força de trabalho com a desculpa do aprimoramento das capacidades para conseguir a “vida dos sonhos” em que os lazeres se concretizem, é a demonstração da proposta de colocar o sujeito dentro e em conformidade com o processo de socialização.

A busca de aprimoramento no mercado de trabalho competitivo se tornou parte de uma das dependências emocionais instauradas na psique humana, reflexo de todo o

desenvolvimento tecnológico que podemos observar ao nosso redor. A ideia de auto superação, é retratada em todos os produtos de mercado que incansavelmente são reinventados, e na mentalidade do indivíduo que depende do quão funcional ele consegue ser para o mundo (nas relações pessoais, nas vivências com os outros, no trabalho, etc.) para sentir prazer/satisfação consigo mesmo sem culpa.

A dependência emocional se baseia na necessidade de auto superação, pois, é naturalizado na pós-modernidade se comparar com os outros, comparar conhecimentos, informações, estilo de vida, status financeiro, emprego, família, amigos, e assim por diante. Estando dentro dessa dinâmica de comparação constante, a expectativa sobre si tende a aumentar, o que explica a insegurança, resultando no rebaixamento de si perante os outros, que não apenas tem a melancolia como sintoma de reação, mas também, pode gerar diferentes outros distúrbios psicológicos, alguns consequentes exclusivamente dessa realidade de estrutura social da pós-moderna.

O ser humano pós-moderno está sempre buscando provar seu valor pelo medo de se tornar obsoleto como qualquer outro objeto:

O exercício repetido da autovigilância constrangida, da submissão ao julgamento dos especialistas, da descrença em sua própria capacidade de tomar decisões inteligentes, seja como produtores seja como consumidores, falseia as percepções das pessoas tanto em relação a elas mesmas como ao mundo que as rodeia... Seja como trabalhador ou consumidor, o indivíduo não apenas aprende a avaliar-se face aos outros mas a ver a si próprio através dos olhos alheios. (LASCH, 1990, p. 21)

A melancolia que existe por trás da utilidade de cada pessoa que é colocada à prova, por consequência de toda a valorização que o sujeito coloca sobre seu papel social, como também ao ordenamento de ideais que teve de assumir, é a causa de um colapso de insegurança da própria realidade e da identidade que o mesmo tenta constituir. Como Alfred Schutz (1967) apud citado por Bauman no livro O mal-estar da pós-modernidade, afirma:

[...]Se nós, humanos, podemos “achar nossas posições dentro do nosso ambiente natural e sociocultural e chegamos a um acordo sobre isso” é graças ao fato de que esse ambiente foi “pré-selecionado e pré-interpretado (...) por uma série de constructos de senso comum da realidade da vida diária. (BAUMAN, 1997, p. 17)

Não podemos esquecer que, a ordem compreendida em sociedade, já foi definida pela sustentação de ideais recíprocos de um povo em civilizações anteriores, mas ao

avançar até a Modernidade, muitos contestaram a dependência do ser humano sobre esses ideais e querer mantê-los para se sentir seguro da realidade no processo de configurar parte da identidade individual.

Na modernidade, já havia ficado evidente a instabilidade da ideologia por trás da ordem, já que a vida é baseada em experiências contínuas e reformulações para superar quebras de paradigmas. Bauman explicitou a angústia do ser humano perante as constantes transformações durante a vida, desde os pequenos elementos diários, como uma pequena quebra na rotina, até uma mudança de emprego, provendo uma expectativa maior. Até que se crie uma necessidade de permanência para não se sentir completamente inseguro de tudo que muda ou pode mudar.

No mundo moderno, notoriamente instável e constante apenas em sua hostilidade a qualquer coisa constante, a tentação de interromper o movimento, de conduzir a perpétua mudança a uma pausa, de instalar uma ordem segura contra todos os desafios futuros, torna-se esmagadora e irresistível. (BAUMAN, 1997, p.21)

Mesmo que o desejo de permanecer, em um mesmo estado mental, utilizando as mesmas habilidades, aceitando as mesmas informações como verdades, pareça contrário à evolução humana, modelos civilizatórios anteriores se sujeitaram a esse ideal muito próximo da estagnação. Até a modernidade, que foi marcada pela transição da unidade do sujeito para o vislumbre da subjetividade interpretativa, não fugiu à ideia utópica de alcançar a estabilidade permanente. Como (BAUMAN, 1997) afirma sobre as utopias modernas:

As utopias modernas diferiam em muitas de suas pormenorizadas prescrições, mas todas elas concordavam em que o “mundo perfeito” seria um que permanecesse para sempre idêntico a si mesmo, um mundo em que a sabedoria hoje aprendida permaneceria sábia amanhã e depois de amanhã, e em que as habilidades adquiridas pela vida conservaram sua utilidade para sempre. (BAUMAN, 1997, p. 21)

O desejo que permeia no subconsciente em sentido à estagnação, e como a modernidade nos levou ao sentido de explorar novas possibilidades, marcou a criação ou aceitação de novos padrões de identidade, esclarecendo parte da fluidez de pensamento que acontece, e como nos formamos através desse processo que não tem pausas.

Filósofos nos tempos atuais, atribuem ao conceito da pós-modernidade uma base pautada na subjetividade humana, e em como o período da modernidade marcou a ruptura do sujeito como antes era compreendido, tornando imprescindível se utilizar das

nuances de sujeito moderno para compreender o conceito de sujeito pós-moderno. Afinal:

Um número crescente de homens e mulheres pós-modernos ao mesmo tempo que de modo algum imunes ao medo de se perderem e sempre ou tão frequentemente empolgados pelas repetidas ondas de “nostalgia”, acham a infixidez de sua situação suficientemente atrativa para prevalecer sobre a aflição da incerteza. (BAUMAN, 1997, p.22)

Essa aflição da incerteza se relaciona diretamente ao abismo da falta Freudiano através da perda. No mundo pós-moderno, as perdas permanecem sendo fonte de desprazer e a necessidade de preencher um vazio existencial continua latente, mesmo que esse vazio precise ser preenchido de outras formas. O ser humano pós-moderno é marcado pela falta de verdades absolutas às quais antes podia se ancorar, e pela falta de se sentir parte da imensidão cósmica com um propósito particular seu que gerava significado para sua existência.

As sociedades anteriores foram pautadas em estruturas baseadas na servidão para alcançar um estado comum entre todos os indivíduos, elas serviam para desestimular ou inibir o sujeito de acordo com uma proposta de vida geralmente embasada na moralidade religiosa, eram essas estruturas simbólicas firmadas pela hierarquia do poder que davam significados e ressignificações para a vida, independentemente de serem fundamentadas em verdades comprovadas ou não.

É com base nessas interpretações anteriores que visualizamos o contexto social atual da pós-modernidade, um período em que grande parte das crenças anteriores não se sustentam mais, as figuras simbólicas que representavam um modelo de ordem e sentido para a vida não estão mais centralizadas nas ações do Eu, e com o desenvolvimento de novas tecnologias em meio ao processo de globalização, tudo se tornou evidentemente caótico por uma mistura de valores sem medidas claras sendo manifestados, criados e atribuídos a partir de concepções próprias.

O indivíduo se tornou autorreferencial, criando novas motivações e justificativas para suas escolhas, precisando reconhecer os próprios limites, apesar de que, sua consciência se desenvolve dentro do processo civilizatório por meio da educação, estruturação política e aderência a leis. Dando continuidade ao seu papel social, naturalizando a falta de algo concreto que define a realidade dentro da pluralidade infindável de realidades condicionadas em que cada um vive em sociedade.

A sobrevivência durante esse processo é a marca mais instintiva que permanece no subconsciente e em nossas ações diárias, pois sobreviver, se baseia na busca pela satisfação e prazer em meio aos impedimentos que o sujeito precisa aceitar enquanto prossegue em busca da felicidade, sabendo que ela não é plena nem permanente enquanto observa a fluidez avassaladora e imparável da pós-modernidade, tentando ao seu máximo não se estagnar na melancolia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na pós-modernidade só podemos pensar um sujeito de forma fragmentada. Ele é a composição de vários sujeitos em um só aparelho psíquico. Este sujeito tem por referência não apenas sua vida para compreender a própria realidade, mas sim, todo um mundo repleto de diversidades. É impossível pensar na constituição de um sujeito sem sociedade, e essa sociedade por ser capitalista, se estabeleceu como a realidade naturalizada em sua mente, através da perspectiva do consumo excessivo pela procura infundável de se satisfazer e tentar sentir uma emoção genuína em meio a toda interferência que provém do externo.

Analisando as interferências externas na constituição da psique humana do indivíduo, é através do processo de assimilação da realidade durante seu crescimento, que se percebe que a condição individual não resulta apenas em uma realidade particular, e no meio do processo de constituição do verdadeiro ou falso, real ou irreal, as realidades coletivas são construídas, moldadas e aprimoradas.

Porém, a pessoa submetida às ilimitadas redes de comunicação, que é característica marcante e exclusiva da era pós-moderna, e coloca tudo e todos a se questionarem constantemente sob a mira de processos comparativos, admitindo a ideia de submissão que remete à hierarquias já perpetuadas no inconsciente social, estimula crises de identidade que causam os transtornos e distúrbios psicológicos como conhecemos na atualidade.

Levando ao sofrimento como consequência de um problema do acesso irrestrito às pluralidades idealistas falsamente manifestadas, colocando padrões de vida de pessoas que de fato têm liberdade de escolha, como direcionamento modelo para todos, inclusive para aqueles que não têm essa possibilidade de escolher por si.

A liberdade que temos e aprendemos a moderar a própria maneira, nos dá um sentido de busca sem fim, tornando as mudanças um sinal de progresso, saindo de um ponto insatisfatório para uma nova tentativa de satisfação, assim como, a liberdade também anula qualquer convicção confiável sobre a realidade, colocando em dúvida qualquer fonte de conhecimento informativo. Conforme a colocação de Lasch, no livro *O mínimo eu: Os sentimentos persistentes de descontentamento são o preço pago pelas pessoas por sua liberdade*. (LASCH, 1990, p.27)

O processo de racionalização que permitiu a criação da civilização, é a base para o sujeito e o processo de adaptação é visto na natureza em qualquer ambiente, mas diferente dos outros seres vivos, o ser humano se sujeita a formas de adaptação criando mecanismos de sobrevivência e vivência o que torna o sujeito pós-moderno uma consequência desses mecanismos.

Podemos apontar a relação com os outros um impedimento da possibilidade de liberdade do sujeito ir de encontro a felicidade, mas ao mesmo tempo, o ser humano é dependente do outro, não existe sem ele. Toda a vida até os dias atuais só existe por conta da interação com os outros mesmo que seja para negá-la de forma ilusória como parte de si.

O mais conflituoso nisso, é pensar uma autonomia do sujeito na pós-modernidade, pois seria necessário reconhecer um sujeito independente, que sua subjetividade pudesse ser separada das relações com os outros. O sujeito pós-moderno ainda precisa se conscientizar do impacto das interferências externas na formação da própria identidade. Dany-Roberto Dufour nos explica esse processo de forma sucinta em seu livro *A arte de reduzir as cabeças* (2005) quando afirma o seguinte: “*O sujeito é tanto a sujeição quanto o que resiste à sujeição. Em outras palavras, o sujeito é o sujeito do Outro e é o que resiste ao Outro.*” (p.33)

O sujeito pós-moderno pode ser caracterizado por criar um auto-referencial em um mundo desacreditado, em que tudo tende a se relativizar, em que a origem do sujeito foi renegada juntamente à sua base e fonte de fé, fazendo necessário criar uma própria. O ser humano como referencial de si mesmo não é algo tão distante da ideia dele como espelho de Deus, pois, só se poderia imaginar Deus a partir da concepção que se tinha sobre o homem.

Vivemos um período em que a autonomia se baseia na responsabilidade que cada pessoa precisou assumir sobre os próprios atos, desapegando de “uma força superior punitiva”. Essa autonomia reformulada permitiu que a singularização começasse a fluir, mas os questionamentos baseados em uma insegurança que não pode ser superada é o sintoma de uma sociedade sobrecarregada pelo cansaço, ao qual podemos chamar de melancolia pós-moderna.

Nesse caso, a melancolia se transforma em sintoma de uma sociedade incoerente com valores contraditórios, que visa uma liberdade para alcançar a felicidade, mesmo que seja uma liberdade condicionada e arbitrária, permitindo uma autonomia do sujeito, sobre as delimitações pré-determinantes da vida sempre motivada pelo desejo nunca saciado.

A melancolia pós-moderna pode ser observada nas aflições diárias, na sensação de impotência, na dúvida que corrói, nas ansiedades, nos distúrbios mentais, na negação ou na tentativa de fuga de si mesmo, na vontade de descobrir quem é apesar dos outros, na culpa por não conseguir satisfazer à expectativa de todos. Enfim, a melancolia é um sintoma social com vários nomes manifestada no sujeito que almeja ser dono de si.

Ela pode ser entendida tanto como um mal-estar psíquico, do corpo, do espírito, do ser, como também da sociedade tendo total liberdade simbólica e representativa independente da época, e por ser tão naturalizada no cotidiano se tornou parte da singularização do sujeito, sendo até mesmo um traço de personalidade. A melancolia utilizada na arte, por exemplo, é aquela que expressa um pesar particular que se transfigura em uma essência identitária.

É complexo tratar da melancolia na atualidade porque a compreendemos através da psicanálise como um sintoma ou doença que precisaria de um tratamento, mas através do aspecto da vida comum, ela se torna um estado tão natural quanto qualquer outro, podendo se relacionar a um sentimento de projeção, negação, abstração e compreensão até se mostrar atrativa no sentido da trágica comédia teatral que chamamos de vida, em que todos somos personagens que transitamos entre papéis em diferentes fases, à medida que nos associamos e desassociamos das múltiplas realidades às quais somos inseridos.

Por essa razão a melancolia não pode ser dada apenas como mal estar da civilização pós-moderna, sendo que, em um tempo de possibilidades ilimitadas, um estado tão

introspectivo do Ser como este, pode ser a forma mais realista e autêntica de encarar a realidade, em virtude de um ponto de vista o mais exclusivo possível que o relativismo nos permite chegar.

Levemos em conta que o período da modernidade, foi um ponto de partida na linha temporal do desenvolvimento tecnológico e industrial, o qual o sujeito precisou fazer parte, independente de qualquer tentativa de criar uma rota de fuga, e que as questões sobre o desempenho humano em prol do funcionamento harmonioso das sociedades como o maior objetivo de vida, se tornou um dos maiores limites da interpretação crítica do sujeito com relação à realidade conjunta.

A criação e adaptação a novos papéis sociais como representantes da utilidade e reafirmação de valor humano, é algo que foi assimilado nas sociedades modernas, onde ainda se presumia a possibilidade de uma universalidade ideológica que levaria à satisfação de todos que compõem o mesmo ambiente social. Ideia esta a qual, já era combatida pelos problemas apontados na psicanálise freudiana. Na pós-modernidade, sem asseguridade por parte ideológica, as representações simbólicas correspondentes a um caráter identitário, não conseguem sustentar seu valor apenas nos discursos, como observamos nos conflitos internos do indivíduo.

O que antes correspondia a formas determinantes de estabelecer uma conexão com o mundo, com base em compartilhamento de crenças, hoje fazem parte da gama de concepções relacionadas à individualidade que é comercializada cotidianamente. E a sensação nostálgica de retorno a um período em que era comum tentar se apegar à tudo que remetesse a algo concreto, foi substituída por uma necessidade de distanciamento, quando não sabemos os riscos de se aproximar de tudo, e no final, fazemos parte de todas as informações à medida que elas nos têm acesso.

A identidade humana na pós-modernidade sofre de sua forma comerciável, ao ponto em que todos podem ter cada vez mais acesso às informações uns dos outros, e a evolução tecnológica serviu principalmente para extração de dados individuais que banalizaram a importância de cada um perante o tamanho envolvimento que cada pessoa tem com o mundo. Assim como, tornou banal a relevância da experiência particular. A conscientização crítica é afastada do cotidiano do novo sujeito para que não sirva de parâmetro determinante de uma visão de mundo no século XXI. No início do desenvolvimento das ciências tecnológicas a forma mais clara de legitimar os tipos de conhecimento eram através de estudos, na atualidade vemos uma rede de

informações que conecta todas as pessoas a uma imensidão informacional que tende a direcioná-lo à um caminho específico que remete a utopia ilusória de direcionamento linear.

Por fim, a Melancolia na pós-modernidade é parte da aflição diária sofrida por um novo sujeito que surge como reflexo das transições enfrentadas. Esse novo sujeito não tem uma única forma, ele abstrai o que consegue, sofre de incoerências constantes precisando se apegar ao mínimo, foge dos sofrimentos da negação, é consciente de que não é possível permanecer por tempo ilimitado em coisa alguma, e que a perda é a sensação que transmite a certeza do não pertencimento.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

DUFOUR, Dany-Robert. **A arte de reduzir as cabeças: Sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal**; tradução: Sandra Felgueiras; editor: José Nazar; (Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 2005).

FREUD, Sigmund. **Luto e Melancolia**. Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1917 [1915] /1974

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Penguin e Companhia das Letras, 2011.

MARCUSE, Hebert. **Eros e civilização: Uma Interpretação Filosófica do Pensamento de Freud**. Tradução Álvaro Cabral 6ª edição, Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

LAMBOTTE, Marie-Claude. **Estética da melancolia** [Tradução Procópio Abreu]; Rio Janeiro-RJ: Companhia de Freud, 2000.

LASCH, Christopher. **O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis**. 4. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

LYOTARD, François Jean. **A condição Pós Moderna**. Tradução Ricardo Corrêa Barbosa. 12ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

ROUDINESCO, Elisabeth & PLON, Michel. **Dicionário da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SANTA CLARA, Carlos José da Silva. **Melancolia: da antiguidade à modernidade - uma breve análise histórica**. *Mental*, Barbacena, v. 7, n. 13, p. x, 2009.